

## Delmira de Almeida Peres - MINHA TRAJETÓRIA DE VIDA

Nome Indígena: Takua Jeju Retáva:

Significado: Que vem de muitas mulheres (Mulher Guerreira)

Gostaria de registrar, primeiramente, minha história de vida como indígena, pertencente à família do tronco Tupi Guarani, especificamente Ava Guarani. A família Almeida Peres é originária da antiga Aldeia Sol Nascente - Município de Santa Helena - dos territórios recuperados por meio de lutas, das Aldeias Ocoy, Itamarã e Añetete.

Nesse sentido, incluí relatos não somente sobre minha infância na comunidade Ocoy Federal - município de Medianeira/Paraná, mas também sobre minha experiência como professora e pedagoga nas Terras Indígenas Ka'aguy Roky e Ka'aty Mirĩgua - município de Ytakyry/Departamento de Alto Paraná/Paraguai, na Aldeia Kirito/Departamento de Alto Paraná/Paraguai e na Aldeia de San Juan/Departamento de Salto Del Guairá/Paraguai e na Aldeia Ocoy/município de São Miguel do Iguazu/Paraná.

Nasci no dia 02 de dezembro de 1974, em casa, na comunidade São Brás/município de Medianeira. A minha mãe é da etnia Guarani (Avá Guarani) pertencente à antiga tekoha Sol Nascente, em Santa Helena. O meu pai é da etnia Guarani (Ava Guarani). Segundo narração de minha mãe, meu nascimento ocorreu de acordo com o ritual tradicional Ava Guarani, de parto natural. Esse processo ocorreu sob o cuidado do meu próprio pai que era experiente e conhecedor de várias rezas – ñembo'e – e plantas medicinais – pohã ñana – específicas para a realização do parto.

Meu pai assumiu a importante função de observar e acompanhar a mim e minha mãe, desde o primeiro mês da gravidez até o dia do nascimento. Todos os meus irmãos também nasceram de parto normal, acompanhados por meu pai, ou seja, a parteira da minha mãe foi o próprio pai.

Minha mãe e meu pai narram que como nós não morávamos na aldeia, recebíamos a visita de uma de minhas tias, que é charrýi e grande conhecedora da cultura Ava Guarani. Isso possibilitou que, mesmo estando distante da aldeia, praticássemos o ritual de costume. Eu lembro que minha mãe sempre dizia “**A prática da cultura e necessária para manter a cultura**”.

Em relação a minha trajetória estudantil, é possível dizer que comecei a frequentar a educação escolar Indígena em 1980, quando tinha 6 anos de idade e vivia na Aldeia Indígena de Acaray-Mi, na escola Municipal de Hernandarias e na escola de Arnoldo Jassen, no Paraguai. Na 1ª série, minha primeira professora foi Manuela Vilhalva, indígena da etnia Ava Guarani, que dominava a Língua Guarani. A escola em que eu estudava ficava a mais ou menos 2 km da casa da minha mãe. Essa escola foi reformada e ampliada, existe até hoje e atende alunos do Ensino Médio.

Fui professora do “primário” (1º, 2º e 3º ano) na Aldeia de Ka’aguy Roky, por 02 anos e no 4º, 5º e 6º ano, na Aldeia de Ka’aty Mirî, por 03 anos, e depois lecionei para a pré-escola, 1º e 4º ano, na Aldeia Kiritó.

Em 1982, voltei a viver no Brasil com meu irmão e um colono. Estudei até a 4ª série em uma Escola Rural Municipal da Comunidade do Ocoy, no Município de Medianeira. De 1988 a 1989, estudei na escola Henrique Dias e em 1990, na escola Estadual Costa e Silva, onde concluí a 6ª série.

Em 1991, voltei para a Aldeia de Acaray-Mi, no Paraguai, onde moravam meus pais.

Retornei aos estudos em 1997. Conclui o Ensino Médio em Bacharel em Ciências e Letras em 2003, no Colégio Indígena Ava Guarani localizado na Comunidade Arroyo Guasu, Distrito de Minga Porã, Município de Hernandarias. De 2004 a 2005, estudei, mas não concluí, profissionalização docente no mesmo Colégio. Enquanto estudava fui professora de Língua Guarani, por 01 ano, para o 7º, 8º e 9º ano, no colégio Agrícola de San Juan.

Voltei para a Aldeia Ocoy/Distrito de Santa Rosa do Ocoy/Município de São Miguel do Iguaçu, onde estou até hoje, como mestradanda da Universidade Federal Latino Americana/UNILA.

Importante salientar que a mobilidade territorial faz parte da cultura Guarani, ou seja, sempre caminhamos, visitamos parentes por longos períodos a fim de fortalecer nossos laços de parentesco. Isto ocorre independentemente das fronteiras colocadas pelos colonizadores sobre nossos territórios milenares.

No ano de 2009, comecei a estudar na Universidade da Cidade de São Miguel do Iguaçu, onde conclui, em 2012, o curso de Pedagogia.

Durante esse período, atuei como secretária do Colégio Estadual Indígena Teko Nemoingo.

Em 2013, comecei a estudar na Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná/Foz do Iguaçu, onde concluí o curso de Especialização em Gestão Escolar. Enquanto estudava atuei como professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Hoje, sou diretora auxiliar e pedagoga do Colégio Estadual Indígena Teko Nemoingo/Aldeia Ocoy

A vida na Tekoha Indígena Ava Guarani de Ocoy propicia inúmeras experiências, tanto na educação indígena tradicional, junto às famílias, aos sábios mais velhos e rezadores, onde se aprende pela experiência e oralidade, quanto na Educação Escolar Indígena onde atuo como pedagoga e vice-diretora.

Pela fala dos Chamoïs (rezadores) e Charrýs (rezadeiras), e pelas vivências na Tekoha, é possível perceber que os povos indígenas têm passado por sérios problemas, uma vez “os brancos” vem destruindo a natureza, e conseqüentemente diminuindo as matas, poluindo dos rios e reduzindo drasticamente os territórios indígenas.

Os indígenas sofrem com a discriminação e principalmente com a falta de terras para fazer suas roças familiares e delas retirar seu sustento.

A cultura tradicional, que ocorre grandemente na casa de reza, tem sido mantida, assim como a língua indígena, graças ao esforço dos pais/mães em ensinar seus filhos. Os indígenas, se preocupam, porém, com estes aspectos, já que, no Paraná, muitos Guarani não usam mais a língua materna para se comunicar no interior das comunidades e poucas praticam as tradições milenares. Há terras Guarani que não contam mais com a presença de Chamoïs e Charrýs e isto é muito triste.

Em relação à escola, mesmo com uma ampla legislação que promete garantir às comunidades indígenas educação escolar específica diferenciada, intercultural, interdisciplinar e bilíngue, ainda há muito a ser melhorado.

Neste sentido, avaliei ser muito importante dar continuidade aos estudos, pois sempre gostei de estudar e sempre estudei, tendo parado por um curto espaço de tempo quando sofri, em um dos

episódios de violência contra os povos indígenas, a irreparável perda de meu filho.

Penso que, estudando poderei ajudar meu povo a ter maiores informações sobre o funcionamento da sociedade envolvente, a lutar por nossos direitos diminuir o preconceito, a violência e outras situações vividas pelos povos indígenas.

Acredito que todos os professores indígenas devem estudar muito e se preparar para serem pesquisadores e produtores de conhecimento, uma vez que ainda circulam, nas escolas indígenas, muitos livros que trazem os povos indígenas de maneira preconceituosa e não valorizam nossas culturas.

Com a demarcação das fronteiras brasileiras, os povos Guarani foram divididos em Tekoha, enfraquecendo sua cultura linguística e sua religiosidade. Historicamente, a população Guarani sempre teve intensa relação com a natureza, mas ao longo do tempo, pressionados pela colonização, foram forçados a deixar seu habitat natural, buscando um novo começo para a sobrevivência, a fim de manter a cultura e continuar a educar as crianças no caminho sagrado.

A Aldeia Indígena Tekoha Ocoy, no município de São Miguel do Iguçu, abriga hoje, numa área de 251 hectares de terra, cerca de 700 pessoas da etnia Ava Guarani. Essa população pertence aos subgrupos Mbya e Ava Guarani, duas das três divisões dos povos Tupi-Guarani. Ainda falam a língua Tupi-Guarani, traço de extrema importância na manutenção da cultura étnica. Caracterizam-se também por serem na maioria, moradores itinerantes que se deslocam de uma comunidade indígena para outra.

A atividade econômica da Tekoha Ocoy hoje é representada especialmente pelo cultivo do milho, feijão e, em menor escala, amendoim, melancia, batata, mandioca e banana. A comunidade conta ainda, com a arrecadação de uma simbólica taxa, cobrada dos turistas, e com 40 tanques-redes, destinados ao cultivo de peixes, criados para sustentabilidade dos moradores da aldeia.

Os indígenas da Aldeia Tekoha Ocoy confeccionam artesanato, que carrega grandes valores culturais e traços étnicos da cultura Guarani. Destaque para a Árvore da Vida que, segundo os Ava Guarani, representa os animais que, com o subir das águas e na tentativa de preservar a vida, buscavam abrigo no topo das árvores. Aos olhos

dos indígenas essas eram “árvores da vida”, cuja obra da natureza é hoje representada pelo artesanato que leva o mesmo nome.

Há na Tekoha, a Casa de Reza, onde são realizados os rituais religiosos, ensaios de cantos e danças, velórios e demais práticas religiosas.

A comunidade conta com um posto de saúde, exclusivo para os indígenas, com um médico que atende duas vezes por semana, uma dentista, uma enfermeira- padrão e uma enfermeira auxiliar que trabalham diariamente no atendimento à saúde e na prevenção de doenças.

A comunidade conta com um campo de futebol, seu principal ponto de lazer, e um barracão com churrasqueira onde são realizadas festividades locais, como por exemplo, a Festa do Dia do Índio.

Nos últimos tempos, os indígenas passaram a trabalhar fora da aldeia. Alguns trabalham para agricultores da região, outros em frigoríficos localizados nos municípios vizinhos.

Para se deslocarem até a escola, a Prefeitura Municipal disponibiliza um ônibus que faz o transporte exclusivamente dentro da aldeia. A primeira língua da Aldeia é a Guarani, embora a maioria da comunidade usa a Língua Portuguesa como segunda língua.

Ao mesmo tempo em que nós indígenas, nos entristecemos por ver a destruição da natureza, a ganância por dinheiro, a entrada, na aldeia, de aparelhos de televisão, igrejas, celulares, jogos eletrônicos; a perda e desvalorização de nossa língua e nossa cultura, não só pelos “brancos” mas também e principalmente pelos parentes indígenas, por ver indígenas sendo discriminados e desrespeitados, precisamos sentir esperança e acreditar que temos que continuar a luta de nossos antepassados pela nossa sobrevivência e por nossas culturas que são muito importantes para nós e para a humanidade, pois tem pleno respeito pelo outro e pela natureza.

Se nossos antepassados não tivessem lutado pelas nossas terras, se não tivessem teimado em continuar sendo originários, repassando seus conhecimentos ancestrais e vivendo como índios, apesar de toda a violência e exploração, das doenças, da escravização que fez com que muitos povos perdessem suas línguas e parte de suas culturas; hoje talvez não existíssemos mais como povos, como etnias

diferenciadas que têm na terra o amor e o respeito como algo sagrado, do qual necessitamos para nossa existência.

Vejo que os povos indígenas terão futuro na medida em que lutarem por suas terras, por seus direitos, por uma educação diferenciada e pelo respeito e reconhecimento de nossas culturas, por nossas autoridades nativas e nossos rezadores e rezadeiras que possuem e transmitem os saberes que permitem que continuemos sendo e vivendo como indígenas e com a autonomia que temos o direito.